

# UNIVERSIDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A PERENIDADE DE PAULO FREIRE

Leila Chalub-Martins

## Resumo

O artigo apresenta uma reflexão sobre como, ao longo dos anos, o pensamento de Paulo Freire, que guarda uma concepção específica de universidade, se fez hegemônico também na Extensão da Universidade de Brasília. Apresenta ainda a maneira ritualizada como suas ideias e valores creditados à educação são atualizados nos meios acadêmicos, fazendo compreender a força que guardam na constituição do nosso *ethos*, nosso *eidos* e *nossa hexis*.

Palavras-chave: Universidade de Brasília, Paulo Freire, extensão universitária, Programa Josué de Castro.

## Abstract

This article presents a reflection on how, along the years, Paulo Freire's thought, which owns such an specific conception of university, also became hegemonic in the Extension of the University of Brasília. It still presents the ritualized way as its ideas and values credited to the education are updated in academic area, making understandable the force that holds in the constitution of our "ethos", our "eidos" and our "hexis".

Key words: University of Brasília, Paulo Freire, university extension, Josué de Castro's program

## INTRODUÇÃO (À GUIA DE DEPOIMENTO)

Em 1972, a autora deste artigo, era estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília e tinha muita curiosidade sobre Paulo Freire. Curiosidade nunca satisfeita à época, em face do grande silêncio que existia em torno do seu nome. Paulo Freire, à semelhança de Marx e Freud, era motivo das leituras proibidas, das conversas sussurradas entre um e outro poema de Thiago de Melo ou da literatura de Maximo Gorki e instigava provocações aos professores.

Para a ditadura de então, Paulo Freire era insuportável! Não sem razão, como se pode perceber em sua trajetória de vida. (Programa do primeiro seminário sobre Paulo Freire, Recife - Brasil, 2-4 de maio 2002)

Paulo Freire, brasileiro, nasceu em 1921, em uma família de classe média. Foi estudante de direito, mas desde muito cedo, interessado pela filosofia, começou a trabalhar na questão da educação. Paulo Freire se inspirou na fenomenologia, no existencialismo, no personalismo católico e no marxismo humanista.

No início dos anos 1960, vários movimentos de educação popular foram criados no Brasil: o Movimento de Cultura Popular - MCP, em maio 1960; a Campanha “De pé no Chão também se aprende a ler” em Natal, em fevereiro 1961; e o Movimento de Educação de Base - MEB, em março 1961.

Paulo Freire, um dos fundadores do MCP, exerceu marcante influência no método de trabalho utilizado pela campanha “De pé no Chão também se aprende a ler”, assim como no desenvolvimento do Movimento de Educação de Base.

Em 1962, fundou o Serviço de Extensão Cultural - SEC, na então Universidade de Recife. O MCP deu seu apoio à primeira experiência prática

de aplicação do “método Paulo Freire”. Essa experiência contou com um número reduzido de alfabetizandos e aconteceu no Centro de Cultura Dona Olegarinha, no Recife, em maio de 1961. No SEC, colaboradores de Freire, com uma boa formação acadêmica, estudavam a base teórica do que eles chamavam “sistema Paulo Freire”.

Outras práticas se seguiram a essas, especialmente a promovida pela Campanha de Educação Popular-CEPLAR, em João Pessoa, na Paraíba e, particularmente, a realizada em Angicos, no Rio Grande do Norte, de 18 de janeiro a 15 de março de 1963. O sucesso da experiência em Angicos levou o então Ministro da Educação e Cultura, Paulo de Tarso Santos, a convidar Paulo Freire para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização, utilizando o “método Paulo Freire” (1963-64).

Em 1964, o golpe de estado militar obrigou Paulo Freire a se exilar no Chile, depois de ter passado algumas semanas na prisão. Ali, ele trabalhou durante cinco anos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária, aperfeiçoou seu método de “conscientização”, que veio a se tornar o método oficial do governo democrático cristão do Chile. *Pedagogia do Oprimido*, escrito em 1969, se situa no fim dessa experiência com os camponeses chilenos. Em 1968, Freire tornou-se conselheiro da UNESCO, sem, contudo, compartilhar dos conceitos de *alfabetização funcional* daquela organização.

A partir de 1969, ele lecionou por dez meses na Universidade de Harvard e seu método encontrou certa repercussão nas minorias sociais e em certos grupos universitários, nos EUA. Participou, em seguida, dos trabalhos do Conselho Ecumênico das Igrejas, em Genebra, na Suíça, onde foi nomeado Diretor do Departamento de Educação e se tornou o prin-

cipal animador do Instituto de Ação Cultural – IDAC, cujo objetivo era a “*aplicação da conscientização como instrumento libertador no processo de educação e de transformação social*”. Depois de 1975, Freire aplicou seu método e inspirou programas na Guiné-Bissau, em São Tomé e Príncipe, em Moçambique, em Angola e na Nicarágua. Em 1989, ao fim do período de exílio, tornou-se secretário de educação da cidade de São Paulo, com a vitória do Partido dos Trabalhadores - PT. O instituto Paulo Freire foi criado em São Paulo em 1991, para ser um lugar de debate para os profissionais da educação.

Paulo Freire morreu em maio de 1997. Seus livros ainda hoje influenciam educadores no mundo inteiro. Os mais conhecidos são *Pedagogia do Oprimido; Educação Como Prática da Liberdade; Pedagogia em Progresso: Cartas a Guiné-Bissau; Extensão ou Comunicação?*, bem como seus dois artigos na *Harvard Education Review* (1970: 40:3): “The Adult Literacy Process as Cultural Action for Freedom” e “Cultural Action and Conscientisation”.

A Universidade de Brasília, à época da recessão, sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra, reitor José Carlos de Almeida Azevedo, reagia com a mesma intolerância ao nome e à produção intelectual de Paulo Freire. Mas em meados da década de 1980, tudo começou a mudar. Terminada a ditadura, terminava também o período de mordida da Universidade de Brasília. Novos tempos, novas possibilidades, muita indignação e repulsa pelo vivido no país, mas também muito desejo de reconstrução e de transformação social.

Pouco a pouco, Paulo Freire e Álvaro Vieira Pinto<sup>1</sup>, dentre outros, começam a ser lidos pelos estudantes de pedagogia, permitindo brutal mudança na concepção de educação: menos focada nos aspectos individuais e

mais entendida como fenômeno social e cultural; cada vez menos marcada pela influência da Psicologia e mais e mais comprometida com a Sociologia, com a Filosofia e com a Ciência Política. A educação, a par dessas influências, passa então a ser vista como *ato de liberdade*, como *ato político*, como *prática social*, dando realce para o contexto que abriga o educando, suas condições de vida, e, sobretudo, para a constatação de que historicamente nunca houve um projeto político de educação para o povo brasileiro.

Do mesmo modo, e favorecendo-se das mesmas situações conjunturais, a extensão universitária ganha outra dimensão, a partir do momento de reconstrução que passou a vigorar na Universidade de Brasília, com a primeira eleição do seu reitor. Da realização pontual de eventos, e de outras ações tipicamente voltadas para a difusão e para a disseminação do conhecimento científico produzido, passa-se a assumir o compromisso com a missão da UnB, postulada por Darcy Ribeiro: tomar o Brasil como seu problema.

Assim, são constituídos núcleos de extensão na periferia e no Entorno do Distrito Federal e são recorrentes as expressões transformação social, construção da cidadania, sujeitos sociais, construção coletiva do conhecimento, compromisso social da universidade. E, sem dúvida, é Paulo Freire a grande inspiração, a orientação política e a fundamentação filosófica, além de metodológica. É historicamente, nesse momento, que a UnB assume com a população do Pedregal, bairro do Novo Gama, DF, a sua luta por água, no projeto chamado *Água para todos*. Também são dessa época os projetos que deram origem ao Centro de Educação Popular Paulo Freire – CEPAFRE, na Ceilândia, e o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapoã – CEDEP.

Fato marcante para a extensão brasileira foi, sem dúvida, a institucionalização do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – Forproex, entidade que articula e define políticas acadêmicas de extensão, comprometidas com a transformação social para o pleno exercício da cidadania e o fortalecimento da democracia.

O Forproex foi criado no dia 06 de novembro de 1987, durante o “I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras”, realizado na Universidade de Brasília, cujo Decano de Extensão, Professor Volnei Garrafa, foi indicado o primeiro presidente.

Desse encontro, originaram-se as diretrizes conceituais e políticas de ação para as Instituições de Ensino Superior - IES - do país e para o Plano Nacional de Extensão Universitária, o qual se desdobra em planos regionais e institucionais nas seguintes áreas temáticas: Comunicação; Cultura; Direitos Humanos e Justiça; Educação; Meio Ambiente; Saúde; Tecnologia e Produção; e Trabalho.

Desde então, o Fórum tem funcionado, ainda que informalmente e antes de tudo, como instância formativa em extensão universitária dos quadros da administração superior das universidades públicas brasileiras. Esse talvez seja seu maior mérito, depois de mais de vinte anos de criação. É pela atuação no Fórum que pró-reitores, muitas vezes sem experiência acadêmica expressiva em extensão, passam a compor uma rede cuja atuação os leva a assumir o conceito de extensão universitária hegemônico nas universidades públicas brasileiras, sustentado principalmente pelas ideias de Paulo Freire.

Meu percurso acadêmico levou-me a conhecer o Departamento de Economia Rural da Universidade de Viçosa, ainda no final dos anos de 1980, quando não se falava em meio am-

biente, em sustentabilidade ou em perspectiva ecológica. Ali, tive a oportunidade de conhecer os arquivos, os documentos, os registros de uma possível origem da extensão universitária no Brasil. Digo isso porque é plausível contar essa história de muitas maneiras e esta é apenas uma delas.

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV, embrião da hoje, Universidade Federal de Viçosa, foi inaugurada em 1926, fruto do desejo pessoal do então Presidente da República, o mineiro de Viçosa, Arthur da Silva Bernardes. O decreto de criação, datado de 30 de março de 1922, também foi assinado por Arthur Bernardes, na ocasião ainda Presidente do Estado de Minas Gerais.

No período de criação da Escola, o Prof. Peter Henry Rolfs, diretor da Escola de Agricultura da Universidade da Flórida, em Gainesville, foi convidado por Arthur Bernardes, para organizar e dirigir a ESAV. Também veio, a convite, o Engenheiro João Carlos Bello Lisboa para administrar os trabalhos da sua construção.

Em 1948, o Governo do Estado transformou a ESAV em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG, que era composta da Escola Superior de Agricultura, da Escola Superior de Veterinária, da Escola Superior de Ciências Domésticas, da Escola de Especialização (Pós-Graduação), do Serviço de Experimentação e Pesquisa e do Serviço de Extensão. Em 1969 tais instâncias, então, deram corpo à Universidade Federal de Viçosa - UFV. Criada, a exemplo do modelo norte-americano, a ESAV foi feita a partir de um financiamento considerável do governo do estado para a instalação de cursos superiores, principalmente de agricultura e veterinária, vocação maior da região. Peter Rolfs vem com sua esposa, Sra. Effie Rolfs, e a família para o Brasil, trazendo consigo a filosofia dos Land Grant Colleges, que se baseava nos princípios do *Apre-*

der Fazenda e Ciência e Prática. Criou na ESAV a “Semana do Fazendeiro”, evento anual no qual a escola se abria à sua comunidade para a disseminação de boas práticas agropecuárias. Nesse evento expandiu-se o chamado espírito “esaviano” segundo o qual “o lavrador aprende mais com os olhos do que com os ouvidos” e constituiu o modelo de extensão rural, composto por um agrônomo, uma economista doméstica e um jipe.

História muito bem sucedida, a experiência da UFV serviu de base para a institucionalização da extensão rural em todo o país, desde o modelo ACAR/ABCAR ao modelo EMATER/EMBRATER, cujos resultados são hoje amplamente criticados por suas repercussões sociais, políticas econômicas, ambientais e culturais: a revolução verde.

No período de minha pesquisa em Viçosa, ao verificar a bibliografia mais estudada pelos diferentes cursos e nas diferentes disciplinas, dois livros se destacaram de modo incontestável: *Extensão rural no Brasil, um projeto educativo para o capital e Extensão ou Comunicação?*

O primeiro, de Maria Teresa Lousa da Fonseca, publicado em 1985, pelas Edições Loyola, São Paulo, conta com detalhes e aguda crítica essa história da extensão rural, de Minas Gerais para o Brasil.

O segundo, grande fonte de inspiração e de muito maior indicação que o primeiro, é um ensaio de Paulo Freire, uma reflexão sobre o seu trabalho no Chile. Nele, Paulo Freire propõe-se a refletir sobre a ordenação lógica de conceitos da extensão e sobre o trabalho do agrônomo, na condição de técnico em contato com o camponês, como um ato educativo em uma perspectiva humanista. O livro está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo promove a construção semântica do termo extensão, a partir da sua origem: es-

tender algo a alguém. Parte daí para apresentar o que lhe é subjacente: dominação, transmissão, passividade, messianismo, superioridade, inferioridade e invasão cultural. Fica demonstrado que essa linguagem é performática no sentido de “coisificar” o agricultor.

No segundo capítulo, Freire continua a discorrer sobre a extensão como antidialógica e reflete sobre a necessidade da Reforma agrária, a transformação cultural e o papel do agrônomo educador. A extensão é assim manipulação e domesticação e não caminho de libertação.

No terceiro capítulo, Paulo Freire assevera que o conhecimento é gerado entre os homens em uma relação social, onde existem vários sujeitos que pensam, dialogam e comunicam, e que, por meio dessas ações constroem o mundo e constroem a si mesmos. Assim, ele destaca a intersubjetividade e a intercomunicação, por meio da mediação entre os homens que pensam e falam.

Conclui seu ensaio, com uma reflexão sobre a situação gnosiológica da educação. Enfatiza o homem em sua interação com a realidade, o conhecimento histórico-sócio-cultural no fazer dos homens e assevera que a história é feita pelos homens que, ao mesmo tempo, nela se fazem.

Como se vê, lá onde tem origem a extensão universitária, que se inspira na extensão rural, instala-se consensualmente severa crítica aos modelos e erros históricos cometidos e dá-se início a uma transição paradigmática instauradora de um novo *Habitus* (Bourdieu, 1983).

O livro de Paulo Freire realiza, assim, a grande transformação do modo de ser, de pensar e de agir daqueles que se identificam com a extensão universitária. Lido por muitos, o livro passou a ser considerado, mais que a referência básica, a base filosófica de um novo campo intelectual que

começou a ser estruturado há cerca de vinte e poucos anos: o campo intelectual (Bourdieu) da extensão universitária, tal como a concebemos atualmente.

Os atores sociais que atuam nesse campo intelectual são, por assim dizer, dotados de determinado *Habitus*, como sugere Bourdieu.

São dimensões do *habitus* que não podem ser tomadas como instâncias separadas: o *ethos*, o *eidos* e a *hexis*. O *ethos* é a dimensão ética que designa um conjunto sistemático de princípios práticos, não necessariamente conscientes, uma ética prática. Por meio do *ethos*, o *habitus* desperta nos indivíduos a necessidade de respeitar as normas e valores sociais, o que lhes possibilita uma convivência adequada às exigências da sociedade.

O *eidos*, por sua vez, é a dimensão que corresponde a esquemas lógicos e cognitivos de classificação dos objetos do mundo social. O *eidos* conduz o *habitus* a traduzir-se em estilos de vida, julgamentos morais e estéticos.

A *hexis* é a dimensão que possibilita a internalização das consequências das práticas sociais e, também, a sua exteriorização corporal, através do modo de falar, gesticular, olhar e andar dos atores sociais. Com tais dimensões, o *habitus* viabiliza-se enquanto produto de uma situação concreta com a qual estabelece uma relação dialética, de onde se originam certas práticas sociais.

É por meio desse *habitus* específico que os acadêmicos atuantes na extensão reconhecem-se uns aos outros e se fazem reconhecer em redes de relações e ações também específicas, o que assegura uma inserção social diferenciada aos atores sociais que o detém.

## 1 CELEBRAR À MANEIRA DOS ACADÊMICOS EXTENSIONISTAS

---

A Antropologia sempre se dedicou ao estudo dos rituais. Investigar os cerimoniais humanos é uma das tarefas de pesquisadores que, com curiosidade e estranhamento, observam e buscam compreender um evento como uma manifestação da cultura. Certamente, essa é uma postura diferente daquela que prevalece nos participantes. Para esses, a postura é de sua naturalização. O evento ritual, qualquer que ele seja, tende a ser naturalizado por quem dele participa. Essa é uma das principais características de um ritual. A alteração do tempo e do espaço também é frequente em um evento. A sua realização ocorre em um tempo diferente do normal. Muitas vezes o espaço também é diferenciado. Momento diferente em espaço também diferente, mas sempre incorporado à vida social.

Entre atitudes de estranhamento e de naturalização, o ritual se confirma como linguagem, sistema de comunicação em que um conjunto de signos que são incorporados pelos indivíduos permite sua decodificação instantânea. O evento e o conjunto de símbolos que são acionados comunicam socialmente e dão sentido à realidade.

De acordo com E. R. Leach, há três formas de se perceber a existência do tempo: a repetição das coisas; a entropia nos objetos e em nós; a passagem relativa de uma coisa em relação à outra. Por meio delas, compreendemos que a sua regularidade não é uma parte intrínseca da natureza, e sim que é uma noção construída pela cultura. Nós a projetamos em nosso ambiente para nossos próprios objetivos particulares.

A sociedade ocidental moderna desenvolveu, independentemente da

noção de espaço, uma noção abstrata de tempo. Temos, desde então, a tendência de conceber o tempo que sabemos socialmente construído como uma dimensão absoluta, com existência e valor próprios, que pode ser perdido, medido, sentido, gasto, interrompido, economizado, vendido. As sociedades humanas utilizam as diferentes noções de tempo para ordenar a realidade. Nas sociedades arcaicas e tribais uma ordenação cíclica, e nas sociedades contemporâneas uma ordenação reificada e linear é o que prevalece.

O pesquisador social tenta desvelar o que está sendo transmitido, como também a forma pela qual a comunicação se dá, em que momento, entre quem, o que significa, o impacto social. A sua eficácia está em fornecer um modelo pelo qual é possível observar a realidade. Observamos uma aplicação dos modelos sobre a realidade. A realidade, por sua vez, nos fornece elementos para teorizar, e a teoria nos fornece elementos para expandir a análise da realidade. É o círculo retroativo de Edgar Morin (2003).

“Rituais, eventos especiais, eventos comunicativos ou eventos críticos são demarcados em termos etnográficos e sua definição só pode ser relativa - nunca absoluta ou a priori; ao pesquisador cabe apenas a sensibilidade de detectar o que são, e quais são, os eventos especiais para os nativos (sejam “nativos” políticos, o cidadão comum, até cientistas sociais)”. (Peirano, 2002:8-9).

Fazer uso dos recursos da Antropologia para a compreensão da nossa sociedade vem sendo muito frequente e extremamente eficaz. A partir das características específicas da estrutura dos rituais, é possível observar onde eventos estão sendo acionados, de que maneira estão sendo utilizados e o que transmitem. Também na Academia os rituais cumprem o papel

de tornar visível o invisível. Imersos campos simbólicos específicos, nós acadêmicos, realizamos eventos e cerimoniais que podem ser interpretados como se fossem rituais.

O que significa para nós, atuantes do campo intelectual da extensão universitária, a comemoração dos 90 anos de Paulo Freire, dos 50 anos da Universidade de Brasília e, a partir daí, a mirada do futuro, em termos de perspectivas para a extensão?

De início, reportando a Leach, temos a consagração do nosso tempo: repetimos vivências, discussões, promessas, repassamos projetos. Percebemos também a entropia nos objetos, nas teorias e em nós. Mensuramos o que somos em relação ao que fomos, avaliamos a instituição, seus propósitos, sua missão. Por fim, fazemos comparações e, a partir daí, reforçamos nossas crenças, desejos, valores. À maneira das sociedades tradicionais, marcamos no calendário, mais que um fim, um novo princípio. Reprogramamos nossas ações, reconstruímos nossa utopia amorosa de transformar o mundo!

Assim fazendo, temos a restauração da vida. Paulo Freire, morto em 1997, revive em cada um de nós. A Universidade de Brasília, muitas vezes afastada do seu projeto inicial revive, com o vigor dos primeiros anos, a sua entrega à nação brasileira como autêntico modelo de universidade que convém ao país, de hoje e do futuro. E tudo isso, por meio das possibilidades anunciadas no ensino, na pesquisa e, sobretudo, na extensão.

## 2 A DINÂMICA DO CAMPO INTELLECTUAL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O SEMINÁRIO DO RECIFE DE 2002.

---

Um exemplo, merece ser apresentado para permitir compreender o complexo das relações sociais dos acadêmicos extensionistas. Passados

cinco anos da morte de Paulo Freire, foi realizado nos dias 2, 3 e 4 de maio de 2002, em Recife, o Seminário “Educação e Transformação Social” . Tomado inicialmente como a primeira parte de uma reflexão que teria continuidade em Paris, o seminário partiu de iniciativa da Management of Social Transformations Most/UNESCO e do Centre d’Etude du Développement en Amérique Latine -Cedal. Promovido pela UNESCO/MOST e pelo Cercle de Pedagogies Emancipatrices, contou com a parceria das instituições brasileiras: Prefeitura da Cidade do Recife; Universidade Federal de Pernambuco; Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas. A decisão de promover os dois seminários, foi justificada em janeiro de 2002, pelo fato de Recife ser a cidade de Paulo Freire e representar um impacto local; e Paris, pela difusão internacional do evento.

O relatório de evento de Recife faz alusão a dois Colóquios Internacionais - Paulo Freire, realizados em 1999 e 2001 e ao livro organizado por Maria Nayde dos Santos Lima e Argentina Rosas, *Paulo Freire – quando as ideias e os afetos se cruzam*, publicado pela Prefeitura da Cidade do Recife em 2001 e salienta as suas dimensões: o afetivo, o intelectual e o estético da cultura nordestina, também presentes nos programas de Recife e de Paris. Por razões que não consegui apurar, o Seminário de Paris, programado para setembro de 2003, não aconteceu.

O seminário de Recife teve o objetivo de reunir e sistematizar pensamentos e práticas que foram construídas em torno de Paulo Freire, orientando-se pelas questões: quais são as influências recíprocas entre Paulo Freire e todos aqueles que tiveram contato com suas ideias e suas práticas? Quais poderiam ser as interações entre Paulo Freire e estas práticas?

Quais são os diálogos que se estabelecem entre as diferentes formas de pensar e praticar as transformações sociais? Será que as filosofias e as práticas resultantes dessa interação - e considerando Paulo Freire como um pretexto, um texto e/ou um contexto -, incitaram mudanças nas políticas públicas? Se sim, por quê e em quê? Caso contrário, por que não?

Além disso, pretendeu promover uma pedagogia emancipadora em detrimento de uma antipedagogia. Essa postura seria obtida por meio da reflexão sobre as questões: quais são as influências e as marcas do pensamento e da prática de Paulo Freire nos movimentos pedagógicos na Europa e na América Latina? Como encontrar a dimensão política da pedagogia e favorecer uma tomada de consciência para fazer escolhas conscientes? Como favorecer uma praxis (enquanto processo de ação e de reflexão dos indivíduos sobre seu próprio meio, na intenção de transformá-lo) que corresponda a uma concepção política e não humanitária? Como pretender que a praxis - como modo de construção de nossos conhecimentos e de nossas teorias -, produza saber a partir do real, coerentemente com as transformações desejadas? A partir desta concepção da praxis, como dar sentido à participação? Qual o papel do enraizamento dos aprendizados na formação de novos atores em torno de tomadas de consciência e das histórias de vida coletivas?

Os resultados esperados foram assim descritos: conhecimento das contribuições (e os limites) do pensamento de Paulo Freire em comparação com outras ideologias da educação e das dimensões políticas do desenvolvimento; maior conhecimento do pensamento e da prática da pesquisa-ação, através de uma publicação de referência; montagem de uma rede articuladora dos participantes do

seminário (e eventualmente implementação de uma agenda de trabalho); estabelecimento de um plano de ação para a UNESCO em termos de educação não-formal (a partir dos trabalhos em oficinas); compreensão de como aqueles que praticam o pensamento de Paulo Freire se relacionam com os processos de formulação de políticas públicas e em que medida suas práticas representam uma forma de expressão pública que produz transformações sociais; promoção de uma reflexão crítica sobre os objetivos, os processos e o controle das políticas de educação atuais.

A transição entre Recife e Paris seria então feita por meio de: pensar no encadeamento entre os dois seminários e garantir a continuidade assim como uma dinâmica de articulação; pensar sobre a perenidade dos resultados; pensar em como Paulo Freire pode permanecer sendo uma centelha após os seminários; lembrar a importância de envolver os movimentos associativos e as redes de ONGs; elaborar um dossiê de preparação para cada um dos dois seminários.

Definidos os cinco eixos temáticos, estes passaram a regular a construção metodológica. São eles: a questão do viver juntos; reinterrogar nossas categorias sociais; de que saberes temos necessidade?; a questão do “aprender” hoje; reconsiderar a riqueza dos territórios (“territórios físicos, culturais, simbólicos, sociais”). A programação incluiu além de conferências, mesas e oficinas: a *Ágora*, a Feira dos Saberes, À sombra das mangueiras.

Merece registro a construção conceitual dos eixos temáticos. O primeiro, *Domar a opressão ou aprender a viver juntos*, foi assim apresentado:

*Não se deve nem banalizar, a opressão, nem pretender achar que não se pode fazer nada. Frente à opressão contemporânea e aos seus múltiplos aspectos (exclusão, pobreza, ignorância, exploração), sempre é preciso rea-*

gir, como diz Paulo Freire, com indignação, com resistência, mas igualmente com a esperança de que juntos, possamos melhor construir e melhor habitar nosso mundo, para melhor viver juntos. Este eixo temático explora os meios que dispomos para criar uma parceria construtiva e uma real solidariedade em prol da construção de saberes libertadores e da troca de nossos saberes. Como substituir a cultura do silêncio desumanizador por um diálogo emancipador e autenticamente humano? A luta contra a discriminação e a opressão tem dois inimigos maiores: de uma parte, um fatalismo (que pensa que a vida é naturalmente “assim”, que a desigualdade é inevitável) e de outra parte, uma tolerância que se desculpa (dizendo “eu sei que é inadmissível, mas eu não posso fazer nada”). Essa dupla impotência assimilada ou aprendida ficará reforçada pelas forças opressoras da mundialização - o poder das multinacionais, das decisões anônimas, a corrupção social, moral e econômica na qual ela encontra suas raízes. No entanto, nessa luta, existem aliados: a indignação, a resistência, a esperança de que, juntos possamos melhor construir e habitar nosso mundo. Mas como realizar isso? Será que é preciso tentar estancar a opressão hoje, esperando amanhã fazê-la desaparecer? Que lugar para um saber-compromisso ou para um saber-ser-razoável? Uns afirmam “é preciso tomar as armas”; outros dizem “é preciso tomar a palavra”: como aprendemos denunciando a violência e anunciando a emancipação? Como a mobilização local pode provocar conseqüências nacionais, internacionais? O que significam essas palavras “solidariedade” e “parceria”? Quais são os valores federativos que queremos defender? O que quer dizer “responsabilidade social”? Quais são os elementos positivos e libertadores no seio da dinâmica social e política da mundialização? Como canalizar essa energia e essa solidariedade, a fim de encontrar os benefícios dela numa escala local? Quais são os saberes que devemos aprender e valorizar a fim de melhor viver juntos?

O segundo eixo temático, *Reinterrogar permanentemente nossas categorias sociais e nossas práticas*, foi assim caracterizado:

A transformação social é um ato profundamente político. Este eixo tenta tomar explícita a dimensão política da educação e das práticas, a fim de melhor compreender os vínculos entre experiências ao nível micro e individual e a necessidade de fazer repercutir as lições dessas experiências no plano das escolhas políticas. Um dos subtemas maiores é sem dúvida o das representações, dos julgamentos e das justificações pelas quais explicamos as complexas desigualdades que se manifestam em nossa sociedade. É possível reconhecer e valorizar a diferença - individual ou coletiva, sem fazê-lo em proveito de uns e à custa de outros? A educação pensada em diálogo com a perspectiva de Paulo Freire desempenha um papel fundamental na transformação da sociedade. A educação como vetor de conscientização e fator essencial do desenvolvimento nos põe diante do desafio de conceitualizar a transformação de baixo para cima, e em contato direto com os atores sociais. Pensar a transformação social a partir da prática de certas formas da pedagogia emancipatória e engajada deveria nos ajudar a evitar o perigo da conceitualização abstrata e os mitos da teoria social e política afastada da realidade. Esse modo de conceber a transformação social a partir de uma práxis e de uma pedagogia emancipatória pode nos levar, por exemplo, a pensar a democracia também no sentido de uma prática cotidiana do ator individual e dos sujeitos coletivos, e não apenas como um sistema complexo de gestão dos conflitos sociais. Dentro deste eixo temático, as oficinas deverão nos levar a levantar questões centrais. É possível valorizar a diferença numa determinada sociedade sem criar uma rotulação discriminatória? Como as ações educativas e as pedagogias desenvolvidas em comunhão com o pensamento e a prática de Paulo Freire podem nos conduzir à perspectiva particular das transformações sociais? Quais seriam essas perspectivas (entre transformação, inovação, reforma, mudança, evolução, revolução)? Em que medida uma análise política da pedagogia transformadora pode nos ajudar a melhor compreender e conceitualizar os embates da renovação do espaço público, a emancipação dos atores não governamentais na cena política e social, os vínculos entre estes e as instituições? Como aqueles que fo-

ram influenciados pelo pensamento de Paulo Freire ou que reivindicam pertencer ao “universo freireano” da educação transformadora praticam ou praticaram a política institucional ou associativa?

- Quais são os limites que eles/elas percebem na ação política - entendida em sentido abrangente - quando a transformação de si mesmo se depara com o obstáculo da não transformação do outro e/ou do seu meio (e vice versa)? Como pensar a democracia como uma prática cotidiana do ator individual e coletivo, e não apenas como um sistema complexo de gestão de interesses sociais opostos? Como compreender a interação íntima existente entre o indivíduo, a política institucional e o meio ambiente? Enfim, articulando teoria e prática, como devemos conceitualizar ou formular e, em seguida, realizar transformações sociais que poderão ser consideradas emancipatórias?

Do mesmo modo, o terceiro eixo temático, *De que saberes necessitamos? Como definir e valorizar os saberes libertadores?* envolveu:

Como identificar e fazer circular os saberes necessários para todos para que cada um possa verdadeiramente participar dos debates e das atividades democráticas da nossa época (debates com dimensão política, ecológica, biológica. Ética)? Quais são as aprendizagens necessárias, se queremos enfrentar os desafios da nossa vida individual, familiar, cultural, social e planetária? Este eixo estuda a relação entre “saber” e “poder”, portanto tem a ver com a produção, a transmissão, a valorização e o intercâmbio dos saberes. Como fazer para que os saberes construam em vez de excluir, valorizem em vez de humilhar, tornem criativos e curiosos, em vez de passivos e dogmáticos, para que se tornem fonte de cooperação e de reconhecimento, ao invés de objeto de competição e exclusão? De quais saberes necessitamos? Como podemos nos aplicar a fazer circular os saberes necessários a todos para que cada um possa verdadeiramente participar dos debates democráticos de nossa época: políticos, ecológicos, biológicos, éticos etc...? A velocidade do desenvolvimento das ciências e das tecnologias abre o debate sobre questões fundamentais:

a adoção de políticas globais e locais, o impacto no meio ambiente, a modificação das relações sociais, dos problemas de ética... que deixam a maior parte dos cidadãos "à margem". O acesso a este debate é de fato difícil, mesmo para aqueles que têm um nível de estudo muito elevado. Essa exclusão abre um claro caminho para o desmonte do processo de desenvolvimento democrático dos povos, questiona a consciência sobre a responsabilidade ambiental, mesmo daqueles oriundos das sociedades dos países desenvolvidos e ameaça provocar o aumento da pobreza e a exclusão dos povos. O relatório da UNESCO, coordenado por Jacques Delors, "a educação, um tesouro está escondido dentro", insistia sobre a necessidade, para nosso futuro mútuo e nosso futuro comum, de aprender conjuntamente conhecimentos, saber-fazer, saber-ser e conviver juntos. Quais são as aprendizagens necessárias, se nós queremos enfrentar os desafios da nossa vida individual, cultural e social, planetária? Aprender a desenvolver nossa lucidez, aprender a cooperar, a criar laços entre as pessoas, a religar sempre transformações individuais junto com transformações coletivas, aprender a enfrentar a incerteza, aprender a recusar e a combater as opressões sem, porém, criar outras novas...? Como as propostas praticadas e pensadas por Paulo Freire poderiam ser reinventadas para que esses saberes se difundam e se construam com todos, para todos, por todos? Modos de construção dos saberes e modos de transmissão intimamente ligados. Como as mudanças dos modos de transmissão, de partilha, de socializar e de fazer circular os saberes têm como consequência a transformação da definição e da produção dos saberes. Para que servem os saberes? Será que não urge fazer a escolha individual e promover escolhas coletivas para que os saberes unam em vez de excluir, valorizem em vez de humilhar, tornem criativos, abertos ao inesperado, curiosos com o outro, em vez de serem dogmáticos, recheados de certezas; para que a circulação desses saberes, sua transmissão ensinam a cooperação, em vez da competição? Como lutar contra uma cultura da desqualificação, em particular, da desqualificação dos saberes de uns pelos saberes dos outros? Que regra ética podemos propor

como essencial à qualificação de um saber, para que ele seja definido como verdadeiramente "humano"? (a troca recíproca?). Como construir para a recusa do aproveitamento da herança cultural pela sociedade de produção - consumo? Através da concepção da universalidade dos saberes<sup>1</sup> das práticas coerentes com esta concepção, é preciso emancipar, superar o fatalismo do destino social. Os saberes resultados de pesquisa e aprendizagem. Trata-se de lutar contra essa opressão interiorizada: "não sei nada", "não sou capaz", "não sou digno disto"; os saberes como resultados de uma aprendizagem; como desenvolver as curiosidades, a consciência de que os saberes podem tornar-se acessíveis, que somos dignos deles, que eles nos pertencem por direito: a consciência de que os saberes que possuímos são dignos, interessantes, úteis, essenciais para construir um mundo onde todos os mundos possam ter lugar.

Como a pesquisa-ação pode contribuir para enfrentar essas questões? Os saberes, a educação e a formação devem ser considerados como bens comuns da Humanidade, quer dizer, de todos os seres humanos. Como aliar-se para lutar contra a privatização e a "mercantilização" dos saberes e da formação?

O quarto eixo temático *Aprender e ensinar hoje*, recebeu a seguinte reflexão:

As fontes multiplicadas de saber interrogam hoje nossas maneiras de aprender e de ensinar tanto nas instituições de educação e de formação, como nos sistemas informais associativos e comunitários. O sistema educativo, numa sociedade determinada, é simultaneamente agente de controle e de domesticação, uma força de integração e de exclusão. Frente a esses paradoxos, em qual sistema de educação podemos aprender e nos formar no decorrer da vida, enquanto cidadãos participantes, responsáveis, capazes de decidir e agir com autonomia e solidariedade? Este eixo se interroga sobre o papel e a função da escola, sobre o conceito e a importância da educação popular, sobre a definição e a prática de uma educação permanente. Qual é hoje o perfil profissional do educador ou do formador? O que quer dizer "ser aluno, estudante ou formando" na sociedade contem-

porânea, marcada pela mundialização, pela tecnologia e pelo consumo? Precisamos nos interrogar sobre o papel do aprender hoje: particularmente, não poderemos resolver nenhum dos problemas de nossas sociedades sem levar em consideração os saberes de todos aqueles que estão envolvidos, que, embora tenham aprendido por caminhos extremamente diferentes, merecem ser reconhecidos.

Fala-se cada vez mais de autoformação. Se é verdade que precisamos ser capazes de entrar em contato com dinâmicas permanentes de autoformação, será que não existe também o risco da autoformação tornar-se um pretexto para deixar a cada um a responsabilidade de sua formação permanente, tornando-se mais refém da flexibilidade do emprego e da sua aceitação passiva sem revoltar-se? A questão central neste eixo temático: Quais são os sistemas e propostas de aprendizagem-ensino para aprender e formar-se no decorrer da vida, enquanto cidadão participante, responsável, capaz de decidir e de agir com autonomia e solidariedade? Educação bancária ou dialógica?

A questão continua atual: a reciprocidade como proposta social, pedagógica, política e ética. Competição ou cooperação? Responsabilidade pessoal e coletiva ou abdicação e poder sobre o próximo? Cinismo dos instruídos e fatalidade do destino social para os "não-instruídos"? Quando se aprende, aprende-se também com os sistemas pelos quais e nos quais se aprende: uma educação e uma formação que desenvolvem a responsabilidade, o poder de decidir, a relação paritária, a curiosidade em face de outros pontos de vista. Neste eixo temático, foram subtemas: A questão da escola; A questão da educação popular; A questão da formação para o trabalho; A questão da educação permanente e da autoformação; A questão das aprendizagens a distância e das aprendizagens presenciais; A pedagogia e a formação dos professores e formadores.

O quinto eixo temático *Transformar juntos seu território de vida*, teve o seguinte texto de orientação:

A expansão das associações e das organizações da sociedade civil que lutam numa perspectiva de transforma-



ção social e política está acompanhada por um desengajamento do Estado na sua responsabilidade social ou mesmo na satisfação das necessidades mais elementares das populações. No entanto, grupos de pessoas, seja na cidade, seja no meio rural, demonstram muitas vezes uma grande capacidade e competência para organizar-se e buscar construir juntas respostas eficazes. Este eixo busca compreender, em experiências concretas de campo, como empreender projetos cooperativos, como mobilizar coletivamente e como contribuir para um desenvolvimento individual, coletivo e societário, que seja ao mesmo tempo autônomo, recíproco, inovador e durável.

Na América Latina, grupos de pessoas, seja na cidade, seja no meio rural, muitas vezes demonstram grande capacidade para se organizar e buscar construir juntos meios de sua sobrevivência. Foram acompanhados durante as últimas décadas por promotores ou trabalhadores sociais, por ONGs que se identificaram explicitamente com o pensamento de Paulo Freire. Hoje, em toda parte, a expansão das organizações da sociedade civil que lutam numa perspectiva de transformação social e política está acompanhada por um desengajamento do Estado na sua responsabilidade social ou, simplesmente, na satisfação das necessidades mais elementares das populações. Portanto, encontramos um interesse reforçado de conhecer e confrontar as experiências daqui e de lá, de refletir sobre suas riquezas e seus possíveis desencontros; de contribuir à construção de pedagogias da ação, de pedagogias de projetos comunitários. Convém, particularmente, nos perguntar juntos, em que a herança de Freire pode alimentar hoje uma transformação social, na verdade societária, partindo de uma tomada de consciência das populações locais, de suas condições de vida e das suas potencialidades e como acompanhar uma transformação que os leve a mudar sua realidade cotidiana e a organizar-se para ter êxito neste empreendimento.

A QUESTÃO: Como criar junto com as pessoas cujas condições de existência são muito precárias, um contexto no qual elas possam reencontrar sua dignidade, investir no seu futuro e ser capazes de transformar sua realidade?

AS SUB-QUESTÕES: A riqueza do território, da comunidade: quais são as definições dos territórios para viver juntos? Que olhares mútuos sobre os territórios dos outros, por exemplo, os "bairros difíceis", as comunidades rurais ou indígenas? Qual é a imagem de si mesmo que pode decorrer a partir dessas observações? Quais são os laços estreitos existentes entre os "Eu" e os "Nós"? Entre os territórios físicos, culturais, simbólicos e sociais, quais são as articulações e as aberturas? Como valorizar a cultura, os saberes e as competências dos habitantes? Como mobilizar coletivamente as energias para imaginar o possível, empreender e realizar juntos? Que organização para empreender projetos cooperativos, experiências que constroem o humano, para favorecer seu desenvolvimento autônomo no quadro de uma reciprocidade construtiva? Que acompanhamento dar às experiências e aos projetos? Como trabalhar "com" as pessoas e não "por" elas? Rede e projeto. A relação local-global: como efetuar-la? Como assumir a multiplicidade das culturas, respeitá-la, enriquecer-se com ela? Que questões se levantam hoje na França e na América Latina a respeito de criar juntos? Quais as experiências na França e na América Latina? Que aproximações, que complementaridades com os aportes de Paulo Freire? O que tecer e misturar de modo exitoso, e que tessituras e mestiçagens tentar para favorecer o êxito dos projetos?

O Seminário do Recife, como relatado, por sua condição formalizada e estereotipada, evidencia os recortes feitos pelos acadêmicos, que ressaltam o que é usual no seu campo intelectual. Representa muito mais que as relações no cotidiano, pois possui uma estrutura e sentido coletivos.

Ao promover a relação entre a ação social e a comunicação, o seminário põe em destaque o modo como os sujeitos classificam o mundo e constroem representativamente a realidade em que vivem.

Transformar-se em um acadêmico extensionista é um processo que os próprios "nativos" denominam de

"encontrar-se na extensão" Significa assumir a postura acadêmica de "construção do conhecimento que transforma". Sendo assim, é possível estabelecer um paralelo com um ritual. Primeiramente, como já se disse, o recorte é feito pelos próprios extensionistas. Como diz Geertz, é "uma estória sobre eles que eles contam a si mesmos" (1978:316). Os extensionistas interpretam a sua inserção na academia como um deslocamento de tempo e espaço em uma dramatização na qual se representam.

"Encontrar-se na extensão" tem significado simbólico para os extensionistas, como para todos os seus pares, aqueles que virão a ser extensionista, aqueles que não fazem e nunca farão extensão. Esse evento torna-se um marco que delimita o tempo vivido. Há o tempo anterior a esse encontro de si mesmo na extensão, há o tempo posterior a esse marco, há um tempo coincidente com o tempo de vida daquele que construiu as bases do campo – Paulo Freire; há um tempo institucional de maior o menor aproximação com esse campo. E o seminário, ao chamar aqueles que se reconhecem nesse fazer acadêmico, consagra esse significado simbólico. O tempo presente, distinto do passado permite o encontro também com a sua alteridade.

As etapas do modelo de ritual proposto por Van Gennep podem ser reconhecidas nos eixos temáticos do seminário: *viver juntos; questionar nossas categorias sociais; perguntar pelos saberes que necessitamos; "aprender" hoje; situar-se e valorizar territórios físicos, culturais, simbólicos, sociais*. Existe uma condição acadêmico-social em que prevalece o individualismo e a competitividade que impulsiona os acadêmicos no seu cotidiano. Além disso, há as etapas de distanciamento e aproximação que são percebidas no deslocamento em grupo, professores e

estudantes para o trabalho de campo na extensão. É visivelmente distinto o comportamento na ida e na volta desse trabalho. O momento de trabalho de campo é etapa limiar, em que vários outros comportamentos ritualizados são incorporados pelos participantes: modo de vestir, modo de falar com “o outro”, ouvir mais que falar, simplificação de hábitos de alimentação, de descanso e de higiene, companheirismo, aproximação pessoal. São sinais ritualizados de que os sujeitos estão em fase de se encontrar na extensão. Enquanto “não se encontram”, os sujeitos no seu discurso são críticos e irônicos com aqueles que “já se encontraram” na extensão. A crescente naturalização do ser extensionista oportuniza inversão de valores. Entre seus sujeitos, é comum estabelecer-se um comportamento de certo modo competitivo, de que faz mais extensão.

*Assim, viver juntos; questionar nossas categorias sociais; perguntar pelos saberes que necessitamos; “aprender” hoje; situar-se e valorizar territórios físicos, culturais, simbólicos, sociais* são mais que uma pauta de seminário. Encerram um modo específico de ser, de viver, de pensar, de fazer ciência. Denotam que seus sujeitos se reconhecem no fazer acadêmico sugerido metodologicamente pela pesquisa-ação.

São mecanismos de atualização dos valores e tradições culturais em um presente com vista a um futuro. Nesse processo, todo o campo intelectual se coloca historicamente. Esses eixos evidenciam a transmissão desse conhecimento e a reprodução dessa cultura extensionista, em processo de transformação e continuidade culturais. Também um processo de produção de sentido que expressa a experiência vivida. Por meio deles, o conjunto de atores do campo intelectual se sente representado, é legitimado, reforça-se na solidariedade

interna e modela-se nas percepções pessoais da sua realidade política. (Kertzer, 2001:18).

O momento de comemoração de 50 anos da Universidade de Brasília e de 90 anos de Paulo Freire é, assim, nova celebração, nova consagração e atualização dos valores e tradições presentes nesse campo intelectual. O tempo presente é sinalizado ritualisticamente para a projeção de um futuro. E que futuro é concebido hoje para a extensão universitária brasileira? O que move os extensionistas inspirados em Paulo Freire na construção da utopia amorosa de transformação social, de transformação da universidade?

### 3 O PROGRAMA JOSUÉ DE CASTRO: A VIABILIDADE DE UMA POLÍTICA PÚBLICA CONSTRUÍDA PELA BASE DO CAMPO INTELECTUAL.

Há um aspecto político na dinâmica do campo intelectual da extensão universitária que merece ser destacado. Eventos como o que encerra a comemoração dos 50 anos da UnB e dos 90 anos de Paulo Freire servem também para compreender a vida política neste particular.

Na sua função estática, busca-se manter o *status quo*. As estruturas hierarquizadas das diferentes instâncias envolvidas são legitimadas e o campo intelectual é reforçado. Na sua dimensão dinâmica, os eventos evidenciam os movimentos de mudança política promovidos pelo campo. O campo existe a partir de representações simbólicas. Eles são compreendidos pelos indivíduos na associação com símbolos. Os eventos são assim fundamentais para o processo de associação de indivíduos com entidades simbólicas, como um campo intelectual representado também por suas instituições: a

Universidade, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas, a Secretaria de Educação Superior do MEC, como grande aliado.

Diante dos mitos fundadores do campo que os eventos representam, o futuro do campo é desenhado, ganha legitimidade e proporciona solidariedade e adesão. Poderoso instrumento de influência no processo político, “proporciona um meio de tornar palpável aquilo que, de outro modo, não pode ser visto. Fornece um mecanismo potente para produzir legitimidade e solidariedade e ajuda-nos a construir a realidade política do que, de outro modo, apareceria como o caos”. (Kertzer, 2001:35).

O Programa Josué de Castro é a realidade política que se pretende construir na extensão. Em discussão nas universidades brasileiras, foi concebido com o intuito de favorecer a formação acadêmica, pela extensão, dos estudantes universitários e de buscar a parceria das Instituições Públicas de Ensino Superior na erradicação da fome e da miséria no país. Para sua concepção e desenvolvimento, o MEC<sup>1</sup> recorreu ao Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão – FORPROEX que compreendeu ser o Programa importante iniciativa de valorização acadêmica da extensão universitária. O Fórum constituiu um grupo de trabalho com a finalidade de estruturar o programa. Em alguns dias, o programa, cujo ponto de partida foi um documento preliminar escrito pela assessoria direta do Secretário da SESu, tinha a sua versão preliminar, que passou a receber contribuições e ajustes de diferentes instâncias.

A facilidade de sua feitura deveu-se ao fato de o Programa ser um conjunto de propostas perfeitamente condizentes com as diretrizes e planos que o Fórum construiu, ao longo

de sua história, e propôs em seus documentos base. Assim, propostas históricas feitas em diferentes momentos, anseios de grande parte dos extensionistas, foram formalmente transformados em metas e providências, com data e responsabilidades definidas.

Integrante do Plano Nacional de Extensão Universitária que articula as universidades, via extensão universitária, com municípios definidos pela Presidência da República, para promover ações para erradicação da Fome e da Miséria, o programa avança no conceito de Função Social da Universidade Pública ao envolver os alunos de graduação, formando e recém-formados, bem como professores, com os problemas enfrentados pelos territórios em um período de quatro anos.

Seus temas prioritários são aqueles constantes dos diagnósticos realizados pelo Governo Federal em seus programas de territorialização. Os diagnósticos produzidos para os municípios participantes do Programa Josué de Castro deverão apontar os problemas prioritários a serem sanados relacionados com a erradicação da Fome e Miséria, nos seguintes temas: *Segurança alimentar e nutricional; Produção de alimentos: Inovação tecnológica; Educação: Alfabetização, leitura e escrita; Formação de professores; Crianças, Jovens e adultos; Educação profissional; Empreendedorismo; Saúde: Grupos sociais vulneráveis, Infância e adolescência, Saúde e proteção no trabalho; Saúde humana, Saúde animal, Saúde da família, Endemias e epidemias; Cultura: Música, teatro, dança, Organizações da sociedade civil e movimentos sociais e populares; Trabalho e geração de renda: Desenvolvimento produtos Emprego e renda, Desenvolvimento regional rural e urbano; Desenvolvimento questão agrária, Desenvolvimento tecnológico Gestão do trabalho Gestão infor-*

*macional Gestão institucional Gestão pública; Inclusão digital: Mídia-artes, Mídias, Tecnologia da informação; Esporte: Esporte e lazer; Vulnerabilidade por questões ambientais: enchentes, desmoronamentos, soterramentos, incêndios, secas, lixo, acesso à água, saneamento e urbanização; Vulnerabilidades sociais: Uso de drogas e dependência química; Segurança pública e defesa social, Desenvolvimento humano, violência urbana, chacinas, atingidos por barragens, atingidos por remoção; Direitos humanos: Direitos individuais e coletivos.*

São suas diretrizes: *Desenvolvimento de ações dialogadas entre a universidade e a sociedade – os programas devem ser construídos com a participação ativa dos atores sociais envolvidos de forma a respeitar as necessidades locais. Garantia da continuidade das ações ao final do Programa – as ações devem ser pensadas de forma a promover a emancipação local e construir mecanismos que garantam sua continuidade pelos atores locais. A natureza interdisciplinar e multiprofissional – Os programas propostos devem compreender uma prática acadêmica multiprofissional e interdisciplinar de forma ao desenvolvimento de ações para o enfrentamento das problemáticas locais. Ação que promovam a organização da comunidade e o pleno exercício da cidadania. Adoção de metodologias participativas – o programa proposto deve deixar clara a metodologia que adota, sendo prioritária a natureza participativa desta, bem como deverá identificar como se dará sua aplicação em processo. Preservação sustentabilidade e meio ambiente. Preservação e fortalecimento da cultura local. Formação para o trabalho e formação de gestores locais.*

Como se pode verificar, de certo modo, os ideais expressos também no Seminário do Recife, apresentados anteriormente: *viver juntos;*

*questionar nossas categorias sociais; perguntar pelos saberes que necessitamos; “aprender” hoje; situar-se e valorizar territórios físicos, culturais, simbólicos, sociais, são a base filossófica, conceitual e metodológica do novo Programa Josué de Castro.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, cabe uma reflexão sobre o que se pretende, sob o ponto de vista do campo intelectual da Extensão Universitária, quando se propõe a transformação da Universidade. Edgar Morin tem uma frase basilar para encerrar esse desejo. Diz Morin (2003: 23): “Inocular na sociedade uma cultura que não é feita para as formas provisórias ou efêmeras do *hic et nunc* - aqui e agora - mas que é, contudo, feita para ajudar os cidadãos a viver o destino *hic et nunc*”. Para tanto, propõe que é preciso defender, ilustrar e promover no mundo social e político os valores intrínsecos à cultura universitária, o que significa: autonomia da consciência, problematização (com sua consequência, que é a manutenção da pesquisa aberta e plural), primado da verdade sobre a utilidade, a ética do conhecimento.

Há que se considerar também que toda formação se realiza de um encontro com a diferença e a alteridade, com o que não sou eu, com o que não é apenas uma repetição ou uma projeção de mim mesmo.

Com base nesses dois grandes princípios, a meu ver, cruzam-se o pensamento de Paulo Freire, o projeto inicial da Universidade de Brasília e os ideais históricos da Extensão Universitária, configurados em muitos documentos, atualizados em numerosos eventos e condensados no atual Programa Josué de Castro. Na dinâmica do campo intelectual da Extensão Universitária são consagrados seus valores, construída sua

simbologia e garantida sua utopia amorosa de transformação social. Elementos estruturantes do campo que se ressaltam nos eventos e reforçam um modo específico de ser, conviver, pensar, agir, produzir conhecimento.

## NOTAS

<sup>1</sup> Alvaro Vieira Pinto (1909-1987), médico, em 1955, a convite de Roland Corbisier, tornou-se chefe do Departamento de Filosofia do recém-criado Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB, organizado no âmbito do Ministério da Educação e Cultura. Na chefia do Departamento de Filosofia do instituto, lançou a coleção "Textos de Filosofia Contemporânea do ISEB" e publicou *Consciência e realidade nacional*, considerada sua obra filosófica mais sólida. Em 1962, assumiu a direção executiva do ISEB, tendo de enfrentar uma difícil situação financeira e uma permanente campanha difamatória movida pela imprensa conservadora, tendo à frente o jornal O Globo. A oposição ao ISEB tinha como motor o comprometimento do instituto com as reformas de base defendidas pelo governo do presidente João Goulart (1961-1964). Com o golpe militar que derrubou Goulart (31 de Março de 1964) e a repressão desencadeada a seguir, a sede do ISEB foi invadida e em 13 de abril os militares decretaram a extinção do instituto. Cassado pelo Ato Institucional nº 1 (AI-1), Álvaro Vieira Pinto se refugiou no interior de Minas Gerais e depois partiu para o exílio, primeiro na Iugoslávia e depois no Chile, onde trabalhou como pesquisador e professor no Centro Latino-Americano de Demografia, órgão ligado à Organização das Nações Unidas.

<sup>2</sup> Dois grupos responsáveis pela organização do Seminário, localizados em Paris e no Recife: Do Grupo de Paris, centralizado na UNESCO/MOST, fizeram parte: Carlos R. Sanchez Milani, Ushio Miura, Adriana H. N. Paes, Maria Luíza Lapa, Claire Héber-Suffrin, Daniel Talleyrand, Françoise Garibay, Henryane de Chaponay, Marie-Renée Bourget-Daitch e Paul Taylor. Esse grupo inicial, posteriormente ampliado, recebeu a denominação de Cercle de Pédagogies Emancipatrices. O Grupo do Recife Edla de Araújo Lira Soares e Leila Loureiro Filha; Lícia de Souza Leão Maia e Xavier Uytendbroek, Paulo Rosas, Maria Nayde dos Santos Lima, Argentina Rosas, Alcides Restelli Tedesco, Rubem Eduardo da Silva, Maria Eliete Santiago, Silke Weber, Maria das Graças Corrêa de Oliveira e Edna Brennand.

<sup>3</sup> Merece registro que o Programa Josué de Castro foi proposto pelo Secretário da SESu, professor e ex-reitor da Universidade de Viçosa.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

KERTZER, David. **Rituais políticos e a transformação do Partido Comunista Italiano**. Horizontes Antropológicos, v.7, n.15, p. 15-36.

LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas políticos da alta Birmânia**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo** - tradução de Juremir Machado da Silva. in MARTINS, F. M.; SILVA, J. M (Org.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2003. 280p.

PEIRANO, Mariza. **Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica**. In: PEIRANO, Mariza. *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Programa do primeiro seminário sobre Paulo Freire, Recife - Brasil, 2-4 de maio 2002.

Programa Josué de Castro. Documento Preliminar. FORPROEX, Brasília, 2011.

Relatório do primeiro seminário sobre Paulo Freire, Recife - Brasil, 2-4 de maio 2002

Leila Chalub Martins, ex-decana de extensão da UnB, é professora doutora da Faculdade de Educação FE/UnB e do Centro de Desenvolvimento Sustentável CDS/UnB. É coordenadora do projeto Observatório da Juventude-OJ, chalub@terra.com.br.